

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 65

Zines do Oceano Atlântico: subjetivação e experiência em auto- publicações do Rio de Janeiro-Brazil

Camila Olivia-Melo
Gabriela Cleveston Gelain

Porto, março de 2018

Zines do Oceano Atlântico: subjetivação e experiência em auto-publicações do Rio de Janeiro-Brazil

Camila Olivia-Melo

Pós-Graduação em Artes & Design (Comunicação, Cultura e Artes) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio

E-mail: camilamelojornalista@gmail.com

Gabriela Cleveston Gelain

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil, Grupo de Pesquisa CultPop, KISMIF Project

E-mail: gabrielagelain@gmail.com

Submetido para avaliação: janeiro de 2018/ Aprovado para publicação: março de 2018

Resumo

Este artigo parte de um intercâmbio de ideias, de uma reunião de zines feministas coletados no Brasil - mais de 50 exemplares - entre os anos 2015-2017. Pautando-se por esse intercâmbio, a nossa pesquisa procura investigar o *circuito* contemporâneo de coletivos que trabalham com zines feministas. Procuramos, assim, algumas pistas dos feminismos ligados à cultura zinística brasileira. Isso a partir de zines que possam “criar novos vocabulários para si” (Brownstein, 2015); zines que possam dar visibilidade à vidas consideradas invisíveis. Trazemos para esse artigo diferentes capas de zines encontradas em distintas cidades do Brasil. Através destes materiais, estamos em busca de pistas que revelem as características dos zines feministas atuais. Deste modo, entendemos que os zines feministas contemporâneos podem ser mais do que fotocópias a preto e branco. Ou seja, algo de tátil se configura e se materializa: por meio de um toque em tecido floral ou de veludo, pela proximidade das experiências de violências cotidianas, da nostalgia, ou mesmo pelas angústias ou sonhos. Por fim, as experiências zinísticas também se mostram doloridas e marcadas, seja na pele ou no papel.

Palavras-chave: zines, feminismo, etnografia, perzines.

Abstract

Abstract: This article is based on an exchange of ideas, a gathering of feminist zines collected in Brazil - more than 50 copies - between the years 2015-2017. Drawing on this exchange, our research aims to investigate the contemporary circuit of collectives,

working with feminist zines. We look for some clues of the feminisms linked to the Brazilian zinister culture. This from zines that can "create new vocabularies for themselves" (Brownstein, 2015), zines that can give visibility to lives considered invisible. We bring to this article different covers of zines found in different cities of Brazil. With them we are in search of clues that reveal the characteristics of the current feminist zines. In this way, we understand that contemporary feminist zines can be more than just black and white photocopies. That is, something tactile is configured and materialized: through a touch of floral or velvet fabric, by the proximity of experiences of daily violence, nostalgia, or even anguish or dreams. Finally, zinic experiences are also painful and marked, either in the skin or in the paper.

Keywords: zines, feminism, ethnography, perzines.

Introdução

*I think the music I both played and listened to,
along with the unmasked, confessional writing in the fanzines,
really created a vocabulary for me.
Sometimes the works were smarty or pithy,
profound, poetic, and often they were really messy.
But they formed a boundary and a foundation
for a lot of girls who had been undone by invisibility,
including myself.
(Carrie Brownstein, 2015)*

As palavras que aqui seguem fazem parte de um intercâmbio de ideias¹, de uma reunião de zines feministas coletados no Brasil - uma amostra de mais de 50 exemplares - entre os anos 2015-2017. Intercâmbio de ideias, pois se une à comunicação uma perspectiva filosófica do pensamento. Pautando-se nesse intercâmbio, nossa pesquisa procura investigar o *circuito*² contemporâneo de coletivos que trabalham com zines feministas. Procuramos por algumas pistas (como imagens fotografadas) dos feminismos ligados à cultura zinística brasileira. Isso a partir de zines que possam, como Carrie Brownsntein (2015) escreve em seu livro de memórias, “criar novos vocabulários para si”, zines que possam dar visibilidade à vidas consideradas invisíveis.

Trazemos para esse artigo diferentes capas de zines encontradas em distintas cidades do Brasil. Com elas estamos em busca de pistas que revelem as características dos zines feministas atuais. Analisaremos em uma perspectiva comunicativo-filosófica um dos zines obtidos em campo (o “Ainda Não Zine II” da zineira Carla Duarte, Rio de Janeiro-BR), para assim, adentrarmos nesse circuito. Nossa metodologia, portanto é baseada nos estudos da Etnografia, pois nossos principais instrumentos de pesquisa são os cadernos de campo, entrevista em profundidade e envolvimento com o objeto. Tivemos ao longo desses anos contato com colagistas e zineiras³ do estado do Rio de

¹ Agradecemos em especial as pesquisadoras Denise Portinari (PPGDésing, PUC-Rio) e Rosana Khol Bines (PPGLiteratura, PUC-Rio) por nos abrir caminhos de pesquisa ao chamado “terceiro Foucault” (e suas chaves de pensamento conceituais), além disso oferecendo a leitura cuidadosa desse texto.

² Trazemos a noção de circuito inspirada em José Magnani (2002), para pensar o circuito de fanzines, pois temos observado um fluxo, um circuito onde os coletivos (feministas e que trabalham com a exposição-criação-venda-troca de papéis) têm circulado. Esses circuitos se mostram heterogêneos, soltos, porém de afinidade político-feminista. Onde há movimentação cultural alternativa (festas, exposições de arte, casas culturais, feiras ao ar livre) pode ser pensada como um circuito de saberes, saberes itinerantes. Importante ressaltar o aspecto itinerante que os fanzines possuem atualmente principalmente pela cidade do Rio de Janeiro-RJ e Sul Fluminense.

³ Zineira e colagista são termos do linguajar nativo, utilizados para marcar quem produz fanzines (também chamados de zines, poezines, mini-zines), quem escreve e publica zines são as zineiras. Já o termo colagista tem sido utilizado para denominar quem trabalha profissionalmente (mas não necessariamente) com colagens (também chamados de poster art, prints, colagens A4), sejam digitais ou feitas à mão.

Janeiro, mas não apenas, também dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Nossa análise aprofundada será feita a partir de um recorte; separamos o “Ainda não Zine II”, que é um dos sete zines exibidos no capítulo das análises, para trabalharmos nossas questões. Mas antes é importante dizer que os fanzines começam a se multiplicar dentro do circuito de fãs de ficção científica na década de 1930 nos Estados Unidos (Guerra & Quintela, 2014a, 2016). No Brasil os primeiros registros de zines (mas ainda sendo chamados de boletins) chegaram mais tarde, na década de 1960 e estiveram ligados às histórias em quadrinhos produzidas principalmente no interior de São Paulo. Entretanto o termo fanzine começou a ser propagado dez anos depois, em 1970 junto com a produção contracultural de punks do mundo todo (Magalhães, 2003). Na década de 1980 vieram com força os zines de inclinação feminista, ligados à cultura chamada *riot grrrl*⁴.

No contexto norte-americano, principalmente nos anos 1990, os zines (e sua cultura da auto-publicação) representavam o elo de comunicação entre diferentes grupos ativistas punks (ou não, necessariamente), para expressarem suas agendas e principalmente para construir uma crítica da cultura vigente (Guerra & Quintela, 2014b). Nesse sentido, podemos vislumbrar que o movimento *riot grrrl* como nos afirma Johanna Fateman (2013), em seu crescimento para tornar-se um ethos, teve os zines como fundamental ferramenta. Foram e ainda é com essas auto-publicações que tal movimento contra-cultural conseguiu se desenvolver e expandir-se para diferentes territórios. Segundo a autora,

The feminist punk zines of the 90's, with their DIY aesthetics, humor, and raw truth telling, were a crucial counterpart to the urgent and infectious music associated with riot grrrl. They were also instrumental to the pre-Internet formation of local scenes and an international network of angry-girl punks. (Fateman, 2013: 13).

É com o apoio teórico de John Downing (2012) e principalmente Alex Wreck (2014) que desenvolvemos maior parte de nossa pesquisa zineira. Ao empregar a expressão Mídia Radical, Downing (2004) refere-se à mídia que é, em geral, de pequena escala e que se apresenta sob muitas formas diferentes, ou seja, àquela que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas. “Não existe nenhuma alquimia instantânea, nenhum procedimento socioquímico incontestado, capaz de

⁴ O *riot grrrl* é um movimento feminista ligado à música, publicação autônoma e artes (literatura, plásticas, visuais). Iniciado por um grupo de artistas feministas norte-americanas, a sua principal reivindicação era a ocupação dos espaços majoritariamente masculinos como, por exemplo, os shows de bandas punk rock. A cultura *riot grrrl* não encontrou barreiras geográficas influenciando (até hoje) uma grande geração de feministas (inclusive no Brasil) que circulam nas mídias alternativas emitindo suas mensagens através do que Michelle Camargo (2010: 50) enumera: imagens, fanzines, colagens, fotografia, moda ou da música, sempre no estilo “faça você mesma”, focando sua crítica, principalmente, em temas relacionados às agendas feministas.

distinguir, num relance ou com resultados definitivos, a mídia verdadeiramente radical da mídia aparentemente radical ou mesmo não radical” (Downing, 2004: 24).

Acreditamos que os fanzines feministas, principalmente os vinculados ao punk, são uma forma de mídia radical, pois, para Downing (2004), a mídia radical tem o objetivo não apenas de mostrar ao público os fatos que lhe são negados, mas também de criar novas alternativas de pesquisar e desenvolver perspectivas de questionamento do processo hegemônico, fortalecendo, assim, o sentimento de confiança do público devido ao sentimento de mudança construtiva. O autor resume o modelo de “contrainformação” baseado em Gramsci, que apresenta uma nova perspectiva para entender a Mídia Radical, a qual tem um forte elemento de validade, especialmente sob regimes repressores e extremamente reacionários. O papel da mídia radical pode ser compreendido como o de tentar quebrar o silêncio e refutar as mentiras da sociedade, fornecendo-lhe a verdade. Para Downing (2012: 215), “o zine é uma espécie de mini-revista que deu origem a uma exuberante variedade de subgêneros”. Sua descrição é aberta e nos possibilita conceituar de maneira transdisciplinar o que temos vivenciado e explorado no universo dos zines⁵. Sendo assim, pode-se observar sua característica plural, de produção individual ou coletiva; feita a mão ou digital.

Com mais detalhes sobre tal universo, Alex Wrekk (2014: 9), não discordaria de Downing (2012), já que nos aponta para a diversidade de seus conteúdos, “histórias pessoais, visões políticas, sobre música, dicas de jardinagem, HQ’s, fotografia, lista de coisas que se gosta ou não se gosta, histórias de viagens, ficção, desenhos ou o qualquer coisa que se queira inserir”. Com a autora pode-se perceber uma rede de apoio que se forma com a cultura zineira e principalmente sua característica afetiva, pois alcances lucrativos são raramente atingidos com os zines. Eles são feitos de maneira autônoma como afirma a autora,

*They are independently made for the love of creating and rarely make a profit; (...) are made by a diverse spectrum of people throughout the world, from people off all ages and walks of life. **People who make zines often build and participate in communities that celebrate the tangible written word.** They support each other’s efforts to do so by trading zines with other zine creators or attending zine events (Wrekk, 2014: 10, destaques das autoras).*

No Brasil quem está criando zines atualmente também constrói e participa de coletivos e grupos zineiros, provavelmente com o mesmo intuito que a autora acima afirma (em tradução livre), “para celebrar a materialidade tangível das palavras escritas em

⁵ Para mais desses temas ver as pesquisas recentes de Guerra *et al.* (2017), Íris do Carmo (2013), Gabriela Gelain (2013) e Michelle Camargo, (2010). Além das publicações de Henrique Magalhães (2003) e Denise Lourenço (2006).

papel". A sua circulação – ao menos em território brasileiro - tem se dado de diferentes maneiras, por ex. com a troca de correspondências (dentro de um envelope troca-se objetos artísticos em papel, sendo o zine um deles), com publicação virtual por meio de plataformas de revistas online gratuitas (issue.com e tumblr.com tem sido os mais usados), em feiras de Artes & Design (para listar algumas: Feira Plana-SP, Pão de Forma-RJ, Fio Dental-RJ, Lasanha-JF), mas também em eventos de coletivos autônomos (para listar poucos: Feira do Livro Feminista e Autônomo-RS-SP, Coletivo TIAMÁT-RJ, Coletivo Drunken Butterfly-RJ, Coletivo Maracujá Roxa-RJ, Feira TESOURA-RJ e VELCRX-RJ) onde toda a organização é feita de maneira autônoma com recursos advindos dos próprios participantes.

Procuramos então traçar um percurso entre a cultura zineira e a filosofia de Michel Foucault, especificamente no tema da "cultura de si", ou "estética da existência e escrita de si". No final de sua vida Foucault (2006) dedicou-se aos cadernos de anotações greco-romanos, os chamados "*hypomnēmata*". Com eles investigou como na época aconteciam as transformações de si, os códigos de ética e o modo de vida na Grécia Antiga. Na "cultura de si" greco-romana seria preciso "tomar conta de si mesmo" e essa era uma prática - a de se ocupar de si - bastante difundida, conseqüentemente tema de diversas correntes filosóficas. Nesse período, a noção de cuidar e ocupar-se de si abraçava o cotidiano, as atitudes de cada cidadão, os comportamentos e também os modos de vida da época.

Por conta disso, o exercício da escrita, a prática de anotar, de reler, de escrever e de grifar anotações tornou-se um dos modos de elaborar saberes e conhecimentos na cultura greco-romana, e também de "focalizar a atenção" em si e no mundo (Cfr. Quintela & Guerra, 2017). Nesse sentido, cuidar de si escrevendo acabou sendo também uma maneira de dar atenção às sutilezas da vida, podendo demorar-se um pouco mais nas experiências que ali estavam sendo anotadas. Havia assim uma prática de anotar e escrever o que se ouvia, o que se lia e o que se pensava em cadernos de anotação. Interessante frisar que essa atividade, para Foucault (2006) serve como instrumento do cuidado de si (uma de suas técnicas), pois anotando o fragmentado e heterogêneo, ou seja, reunindo pequenos pedaços do mundo, um processo aconteceria: o da subjetivação. E é justamente a esse aspecto (o da escrita como ferramenta de subjetivação) que acreditamos se relacionar a produção de zines.

No presente artigo seguiremos nessa trilha a procura de práticas feministas de subjetivação nos zines brasileiros atuais (Quintela & Guerra, 2016). É importante ressaltar que com essa ponte filosófica da subjetivação em Michel Foucault (2006, 2011) não se trata de produzir uma imagem de si na obra zineira feita, mas de desfigurar, tornar irreconhecível justamente o eu que escreve os zines. Nesse ato de escrita, nesse processo de subjetivação com os cadernos de anotação greco-romanos seria possível recolher-se e retomar a si, segue o autor,

*Quando se passa incessantemente de livro a livro, sem jamais se deter, sem retornar de tempos em tempos à colmeia com sua provisão de néctar, sem conseqüentemente tomar notas, nem organizar para si mesmo, por escrito, um tesouro de leitura, **arrisca-se a não reter nada, a se dispersar em pensamentos diversos, a se esquecer de si mesmo**. A escrita, como maneira de recolher a leitura feita e de se recolher nela, é um exercício racional que se opõe ao grande defeito da stultitia, possivelmente favorecida pela leitura interminável. A stultitia se define pela agitação da mente, pela instabilidade da atenção, pela mudança de opiniões e vontades, e conseqüentemente pela fragilidade diante de todos os acontecimentos que podem se produzir (Foucault, 2006: 150, destaques das autoras).*

Com esse movimento de desagitar a mente e estabilizar a atenção, interessa-nos investigar o conceito de experiência proposto por Walter Benjamin (1985) em que Jorge Larrosa (2002) o desenvolve. Demorando-se um pouco mais na experiência da escrita, do recortar e colar (*cut and paste*) quais processos poderiam surgir? Estariam os zines aptos a proporcionar uma experiência de transformação de si? Seriam os gestos de atenção e delicadeza que Larrosa (2002) apontaria para sair do campo da profusa informação, do automático e mergulhar na experiência do que nos acontece. Para isso, a exigência seria olhar mais devagar para nossos objetos, tanto de pesquisa como de vida,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza. (Larrosa, 2002: 24).

Portanto, a partir de tais teorias a organização do texto segue com o primeiro item discorrendo teoricamente os conceitos chaves de nossa análise, propondo um forte elo entre subjetivação, experiência e zines. Mas além disso, traz também uma descrição a partir de “diários de campo” e um dos cartazes (feito a mão) dos espaços onde os zines atuais estão circulando. Seguindo para o item 03, onde reunimos 7 capas de zines onde será possível visualizar as principais temáticas trabalhadas nos zines feministas brasileiros. Nesse caminho deixamos para as últimas páginas as análises qualitativas, onde com o suporte de um dos 7 zines pode-se refletir sobre nossas hipóteses. A principal hipótese é, com a feitura e leitura de zines seria possível alcançar uma transformação de si.

Assim, poderíamos imaginar os zines como uma prática da paciência e da lentidão onde sua escrita poderia se caracterizar como prática do cuidado de si, como processo de subjetivação? Os zines não propiciariam experiências desta ordem, na medida em

que encorajam um afastamento da escrita confessional, em direção à uma entrega de si, que é coletiva, à materialidade do papel?

1. Zines, subjetivação e experiência

*No submisa ni obediente
Mujer fuerte insurgente
Independiente y valiente
Romper las cadenas de lo indiferente
no passiva ni oprimida
Mujer linda que das vida emancipada en autonomia
Antipatriarca y Alegria*
(do zine “Junte-se às feras”, Florianópolis-SC, 2016)

FIGURA 1
Banquinha da Coletiva Maracujá Roxa em exposição - Volta Redonda-RJ, 2015



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

Papéis de todas as cores, discotecagem, venda de comida vegana, *show* com bandas punks feministas, exposição de arte (fotografia, desenho, aquarela, colagens) são alguns elementos que temos percebido compor o *circuito de fanzines* atualmente no Rio de Janeiro e no Sul fluminense. Nesse ambiente é possível encontrar as chamadas “banquinhas” com materiais independentes (visualizado na Figura 1), onde o que predomina é a criação “faça você mesma” (*Do It Yourself*), onde se expõem zines, cadernos feitos à mão, *patches*, adesivos, *poster art* e toda uma variedade de objetos da cultura zinística. É ao redor dessa mesa de materiais que os objetos são vendidos ou trocados. Haveria uma experiência de troca, olhos nos olhos, ao se aproximar das

zineiras e suas banquinhas. Uma alquimia e não apenas relação de compra e venda, a alquimia seria, como uma das zineiras nos disse: “uma troca de afeto e amizade feminista.”

Nesse universo dos zines feministas os materiais encontrados em sua feitura são em sua maioria páginas de jornal, revistas, propagandas e o digital da máquina de escrever. Assim, pode-se tornar impressas determinadas pautas feministas contemporâneas, as que temos tido contato em nossa pesquisa estão relacionadas principalmente à autocuidado e autoconhecimento. Com a Figura 2 (um cartaz de divulgação feito a mão por uma de nossas interlocutoras) é possível analisarmos alguns detalhes, técnicas e temáticas desse universo zinístico.

FIGURA 2
Cartaz #2 Bazar de Garagem, Carla Duarte (2016)



Fonte: <https://www.facebook.com/coletivotiamat>, 2016.

Os detalhes nos revelam pequenos pedaços de tecido, lantejoulas, frases datilografadas em máquina de escrever, carimbos *Do It Yourself* e a letra (caligrafia) da própria zineira. Esses aspectos de um universo próprio da artista, encontram-se na maior parte do trabalho da zineira Carla Duarte⁶, assim como de outras que tivemos contato. Já quanto à técnica, a colagem manual e sua digitalização se sobressaem e as temáticas expostas nesse trabalho giram em torno dos corpos não normativos e a prática de deixar os pêlos desse corpo crescerem. Em uma perspectiva de quem lê o cartaz (Figura 2), o impacto seria quanto a pilosidade; ela que é comumente aceita e pertencente apenas a corpos tidos como masculinos. Nesse desenho haveria uma mescla entre feminino-masculino, um borramento de fronteiras. Seguindo a descrição do cartaz: a contribuição para o evento é “voluntária” e vai para além de outras atividades que o lançamento de zines.

Essa descrição nos ajudará a pensar a produção e circulação contemporânea de zines no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, a partir da chave de pensamento: escrita de si. Essa chave também abrangerá os processos de subjetivação de quem produz os zines, além disso será exposto alguns caminhos do conceito de experiência, para mais a frente trabalharmos com um dos fanzines de Carla Duarte. Podemos pensar o trabalho que temos ao escrever, grifar e citar textos (acadêmicos ou não) como semelhante ao processo de feitura e escrita de zines. Uma das etapas do processo dessa escrita (a de zines) é trazer o traço, as figuras recortadas e as palavras para linhas ou folhas em branco, e assim começar a costurar e a marcar as páginas, arranhando as fibras de papel com tinta.

Entretanto a artesanaria da escrita não se faz aleatoriamente. Há com ela uma posição - ao menos uma pré-disposição - artística e política. A inspiração aqui vem de Donna Haraway (2000) quando incita à uma escrita ciborgue, aquela atividade de ranhura às comunicações perfeitas, à linguagem universal e heterocentrada. Segue Haraway (2009: 88): “a escrita é, preminentemente, a tecnologia dos ciborgues - superfícies gravadas do final do século XX. A política do ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo o significado de forma perfeita - o dogma central do falocentrismo.”

Assim é possível pensar a escrita zinística também como ferramenta política, uma política do cotidiano onde o fazer político é digitado, impresso e fotocopiado nas páginas dos zines. É na escolha das palavras-papéis, é no recortar e colar que se aglomeram pequenos universos, pequenas bricolagens em páginas antes em branco.

⁶ Carla Duarte (também assina como boredcarla) é da região Sul Fluminense do Rio de Janeiro. É feminista, jornalista, colagista, blogueira do site Cabeça Tédio (uma espécie de agências de notícias riot grrrl punk feminista) e integrante do coletivo TIAMÁT (como segue descrição em sua página: um coletivo punk feminista formado para expandir, movimentar, interagir e somar com a cena punk feminista do sul fluminense e capital do Rio de Janeiro-RJ).

Ao escrever colando é como se pudéssemos construir um mundo; para Antoine Compagnon (1996: 12) esse mundo seria à nossa imagem como nos afirma: “construo um mundo à minha imagem, um mundo onde me pertença, e é um mundo de papel”. Mas, além do mundo heterocentrado e falocêntrico que provavelmente Compagnon se localiza, há mundos de criação com canetas de fogo e com papéis cravados em cactos. Esse é o mundo da escrita que Glória Anzaldúa (2000) nos incentiva a desbravar. É escrevendo que se poderia manter viva a revolta, manter viva a si mesma. Anzaldúa (2000: 232) escreve porque “não tem escolha”, porque nos salva “daquilo que nos dá medo”, e segue:

*Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima como mesma e consigo. **Para me descobrir**, preservar-me, **construir-me**, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e o que tenho a dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000: 232).*

Dessa maneira, podemos considerar a escrita de zines como fundamental atividade no processo de criação de si, ou como Anzaldúa (2000) afirma, “para me descobrir, preservar-me, construir-me”. Aparentemente as zineiras que tivemos contato estão mais do que produzindo informação e eventos, estão encontrando saídas para as violências cotidianas, machismos do dia-a-dia e assim transformando suas próprias realidades com veremos mais a frente com o zine escolhido para nossa análise. O que é importante reter nesse momento é que esse processo de criação, transformação e investigação de si acontece é por meio do conceito de processo de subjetivação.

Vale ainda questionar, até que ponto a criação da escrita de zines supõe caracterizar um espelho do mundo interior da zineira? Uma identidade subjetiva que ali estaria espelhada/escrita com colagens e fotocópias? Dizendo de outra forma, até que ponto a imagem de si é também imagem do mundo? Michel Foucault (2006) nos aponta outros roteiros de pensamento, isso porque para o filósofo, quando escrevemos (nesse exercício de anotar o nosso redor) não estaríamos necessariamente “narrando a si”, ou “construindo o mundo à nossa imagem”, mas sim nos produzindo e nos construindo em um *processo de subjetivação*. Nessa escritura não estaríamos espelhando, mas sim construindo a nós mesmos.

Na série de estudos sobre "artes de si mesmo", na cultura greco-romana, nos séculos I e II Foucault (2006) encontra uma prática de escrita singular entre "os cultos" chamada

⁷ "hypomnémata". Estes eram pequenos cadernos individuais com espaços de anotações, que serviam para: registros públicos, contabilidade e impressões cotidianas; anotações para que fossem posteriormente consultadas e meditadas. Mas, além disso, essas cadernetas também representavam uma "memória material" do que se lia, se ouvia e se pensava. Estes escritos poderiam ainda circular e compartilhar, tanto para fins políticos e econômicos (na forma de conselhos) como para trazer certo consolo quanto as angústias e dificuldades da vida.

Mais do que um simples suporte para aquecer a memória, tais anotações representavam um exercício de contato consigo mesmo, um exercício de escrita pessoal, e ainda, uma ferramenta de "discursos auxiliares" estando disponíveis "à mão" para quando fosse necessário. Nesse sentido, os *hypomnémata*, representavam na Grécia antiga uma importante atividade no processo de subjetivação, na constituição bricolada de si, e não necessariamente uma narrativa confessional. Segue o autor,

Por mais pessoais que sejam, esses hypomnémata não devem no entanto ser entendidos como diários, ou como narrativas de experiência espiritual (tentações, lutas, derrotas e vitórias) que poderão ser encontradas posteriormente na literatura cristã. Eles não constituem uma 'narrativa de si mesmo'; não têm como objetivo esclarecer os arcana conscientiae, cuja confissão - oral ou escrita - tem valor de purificação. O movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele: trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito: reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si (Foucault, 2006: 149, destaques nossos e do autor).

Aqui pode-se perceber essa distinção entre uma escrita egóica e uma escrita que atravessa também outras pessoas⁸. A diferenciação que o filósofo faz entre uma escrita de "diários" e os *hypomnématas*, pretendemos também seguir pensando assim, com essa mesma distinção. Com a diferença entre o teor zinístico e o tom confessional das escritas de blogs, facebook e diários. Exatamente sobre essa diferença nos conta Margareth Rago (2013):

Portanto, ao contrário dos discursos confessionais - que aliás, abundam especialmente na internet e em redes sociais, em Facebooks, blogs ou twitters -, na escrita de si, não se trata de um dobrar-se sobre o eu objetivado, afirmando a própria identidade a partir de uma autoridade exterior. Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo (Rago, 2013: 52).

⁷ Tenho como base também, sobre esse tema, as pesquisas de Norma Telles (2015) e Margareth Rago (2013).

⁸ É como ouvirmos entre as zineiras frases como: "Esse zine diz exatamente o que eu gostaria de dizer", ou ainda "como pode um zine que não é meu dizer tanto sobre mim".

A hipótese que queremos explorar consiste na ideia de que a escrita de si – quando reflexionada com o suporte zine (em sua criação-produção-leitura) – traz em certa medida uma *transformação* e com ela uma *experiência*. A noção de escrita de si abre portas ao devir, e com isso quando se tem um zine nas mãos (já pronto para leitura ou em estado de criação) algo novo poderia surgir, ou ao menos um vir a ser. Nessa trilha segue-se a reflexão a partir de uma noção de experiência que seja transformadora e que “nos acontece” diretamente associada ao sujeito - como Jorge Larrosa e Walter Benjamin formulam. Para caminhar com nossa hipótese também apresentaremos uma conceção de experiência foucaultiana em um movimento de dissociação e perda da identidade. Seguiremos primeiramente com Larrosa (2002), para depois chegar a Foucault (2011).

Para além das situações e acontecimentos do mundo, a experiência para Larrosa (2002: 21) seria aquela “que nos acontece”. A experiência é um conceito trabalhado por Walter Benjamin (1985), e de onde Larrosa (2002) retira grande parte de sua inspiração. Isso porque para Larrosa (2002) nunca – nos aspetos social-cultural-histórico - passamos por tanto; no entanto a experiência da vida nos é cada vez mais rara. Do que adiantaria o acúmulo de informação, o acúmulo de acontecimentos no mundo se, ao mesmo tempo, conosco nada se passa, nada nos transforma ou nos acontece? Essa é uma das provocações que Larrosa (2002: 21) nos traz:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti-experiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência (Larrosa, 2002: 22).

O trecho acima citado evidencia que não será por meio da informação⁹ que se chegará à experiência. Tal noção de informação estaria do lado das coisas que acontecem mais no mundo e menos em nós, o que tornaria impossível experienciar o mundo. A vontade insaciável por informação, conexão e ansiando modificar-se, produzir e fazer

⁹ Acreditamos ser importante demarcar a diferença entre informação e comunicação. Dominique Wolton desenvolve essa diferença. O autor afirma que quando estamos produzindo informação, muito se perde, muito da reflexão e troca de saberes do mundo de esvai. Enquanto a informação está próxima da quantidade informativa, a comunicação, como o autor entende, estaria próxima dos processos e produção de saberes, mas que não haveria comunicação sem a informação e não haveria informação sem um “projeto de comunicação”, segue o autor, “É falso pensar que basta informar sempre mais para comunicar, pois a onipresença da informação torna a comunicação ainda mais difícil. Além disso, a revolução da informação produz incerteza na comunicação. O resultado é imprevisível. O problema não é mais somente o da informação, mas antes de tudo das condições necessárias para que milhões de indivíduos se comuniquem, ou melhor, consigam conviver num mundo onde cada um vê tudo e sabe de tudo, mas as incontáveis diferenças - linguísticas, filosóficas, políticas, culturais e religiosas - tornam ainda mais difíceis a comunicação e a tolerância. A informação é a mensagem. A comunicação é a relação, que é muito mais complexa” (Wolton, 2011: 12).

sempre algo nos levaria ao caminho contrário. Ao invés de algo nos acontecer, ou de nos transformar, a frenética atividade contemporânea de querer-produzir-regular, ou de simplesmente abandonar os momentos de parada, faria com que nada nos acontecesse. A noção de experiência em Larrosa (2002) nos incita a dedicar momentos necessários onde se poderia suspender a opinião, suspender o juízo e o automatismo da ação. Isso para que houvesse atenção aos detalhes e na delicadeza do mundo, “abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002: 24)”. Anzaldúa (2000: 235) sobre esse tema (2000) poderia dizer “mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira. Acabe com os ruídos dentro da cabeça deles”.

Em certa oposição a essa experiência do cotidiano, da vida e do que *nos* acontece é que Michel Foucault comenta sobre como certos livros e autores/as o transformaram, e como os livros são para ele experiências. A filosofia de Foucault, portanto, nos aponta caminhos para pensar a experiência de maneira um tanto distinta da que já foi mencionado aqui. Peter Pal Pélbart (2013 e 2014) pode nos auxiliar a um sobrevoo sobre o entendimento de experiência em Foucault. Para isso seria preciso então se afastar da noção fenomenológica, pois para essa corrente de pensamento a experiência estaria no “extrair as significações” do cotidiano, já para Foucault ela não estaria no “trivial”, mas sim no extraordinário, naquilo que provocasse o máximo de intensidade. Nesse sentido, para pensar uma experiência como Foucault pensaria seria preciso desbancar o sujeito, desbancar o “nós” do acontecimento, e assim pensar uma dissolução do sujeito fundador, uma desfiguração, um desmanchar de si.

Enquanto na fenomenologia a experiência estaria vinculada ao cotidiano e aos objetos da vida e do vivível, Foucault prefere estar próximo do “invivível” e da experiência impossível e assim, toma a experiência não como o acontecimento que transforma o sujeito, mas o oposto, que permita dissociar, dissolver e perder a sua própria identidade. Em sua penúltima aula, Foucault (2011: 278) faz uma rápida referência às experiências de vida: “Experiência metafísica do mundo, experiência histórico-crítica da vida: temos aí os dois”. A partir desse trecho, Pélbart (2013: 59) nos instiga a refletir sobre o movimento duplo que a experiência assume em Foucault. Isso porque, ao mesmo tempo em que a experiência da leitura de um livro, ou da escrita dos *hypomnēmata* (se for possível pensar assim), pode implicar o processo de subjetivação e (des)subjetivação, mas que de qualquer maneira ela produziria uma modificação, uma desfiguração.

2. Olhando mais devagar os zines brasileiros: A procura por transformações de si

São mais de 50 zines coletados no período de 2015-2017, para visualizar o formato e os principais temas tratados nos zines nesse período (ou com data próxima) trazemos a imagem da capa de sete deles. Infelizmente não será possível analisar o conteúdo destes, entretanto selecionamos o zine “Ainda Não Zine II” (Figura 9) para uma exploração mais detalhada. É importante lembrar que a maioria desses zines não estão disponíveis *online*, apenas nos papéis originais.

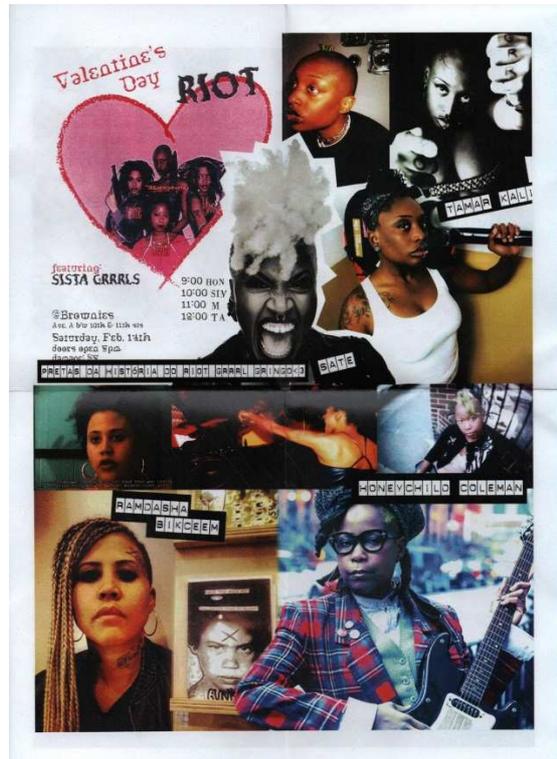
Essa pequena amostragem traduz qualitativamente os tópicos trabalhados por zines feministas auto-publicados no Brasil, seguem os temas relacionados às capas abaixo exibidos respectivamente nas Figuras (3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9): sexualidade, gênero, feminismo negro, relacionamentos não-monogâmicos (poesia), escrita queer (auto-cuidado), machismo (heteronormatividade, patriarcado), transfeminismo (lutas internas, transfobias), auto-conhecimento (raiva, machismo, música).

FIGURA 3
Coletivo TIAMAT, Volta Redonda-RJ (2015)



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

FIGURA 4
Zine Preta Riot, Bah Lutz - Belo Horizonte (2016)



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2016.

FIGURA 5
Zine grrrito mouco, Camila Puni - Curitiba-PR (2014-2015)



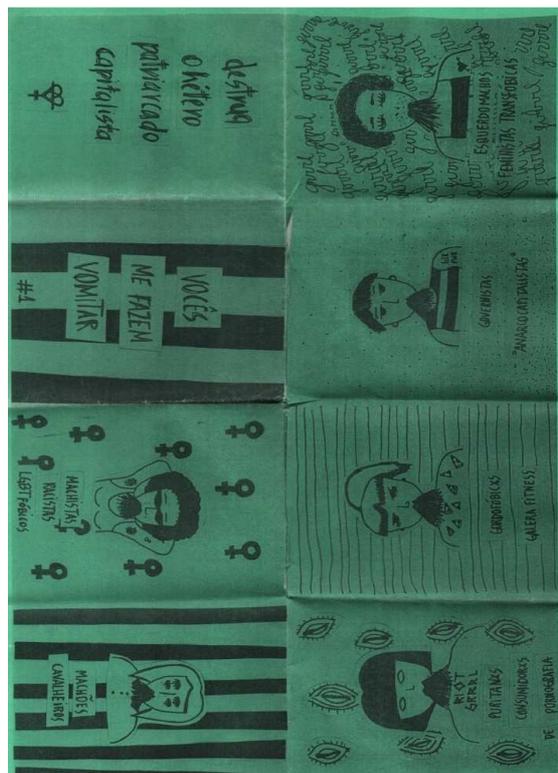
Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

FIGURA 6
Zine Ciborgue de pele, Juno Griz - Rio de Janeiro-RJ, 2015



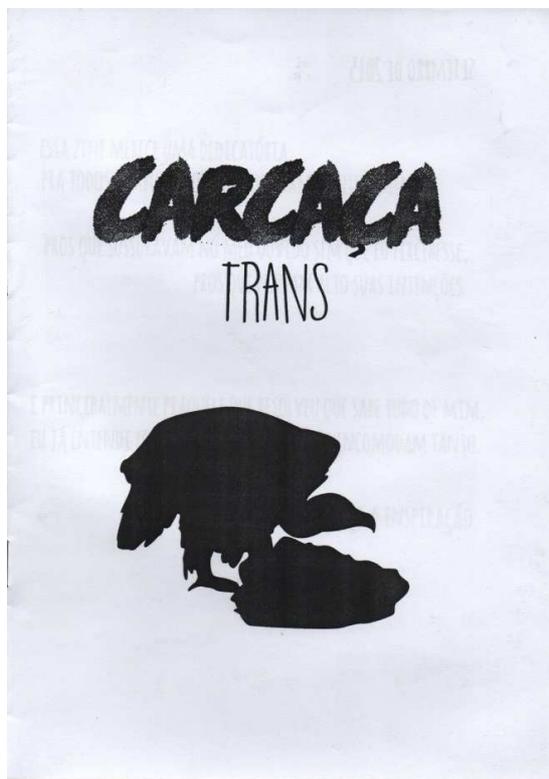
Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

FIGURA 7
Zine Vocês me fazem vomitar, Beatrix - Florianópolis-SC, 2016



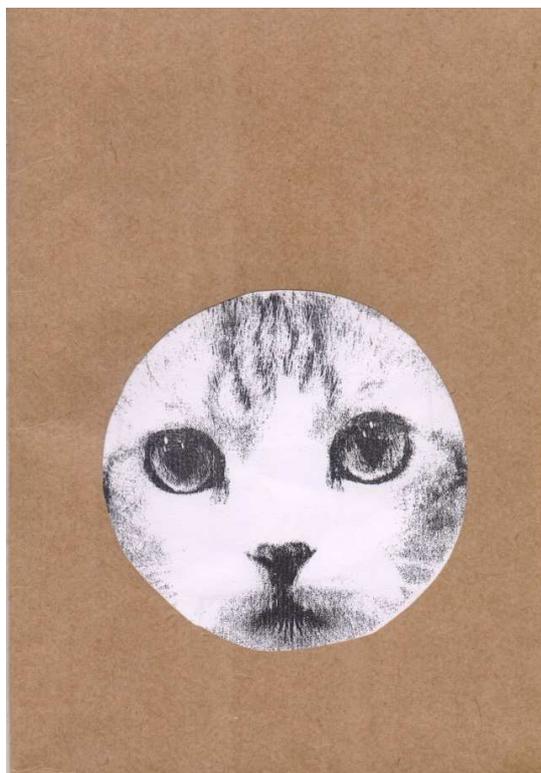
Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2016.

FIGURA 8
Carcaça Trans, Tailor - Rio de Janeiro-RJ, 2015



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

FIGURA 9
Ainda Não Zine II, Carla Duarte - Barra Mansa-RJ, 2015



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

Se pensarmos a escrita e a feitura de zines contemporâneos como parte do processo de subjetivação poderemos formular a seguinte questão: como se caracterizam e quais pistas das transformações de si seria possível encontrar? Para isso trazemos o zine “Ainda Não Zine II” (Figura 9), da zineira Carla Duarte, com ele será possível explorar os materiais de sua produção e ainda observar o teor de seus textos, tudo parece indicar para uma escrita de si. É importante salientar que iniciaremos nossa análise a partir de um jogo duplo, tanto de quem produz quanto de quem lê os zines. O zine “Ainda Não Zine II”, foi publicado de maneira autônoma dentro da cultura faça você mesma (*Do It Yourself - DIY*), ou seja, a sua autora pensou, planejou, pesquisou, escreveu, colou, recortou, xerocou e distribuiu sozinha; sem ajuda ou financiamento de qualquer instituição. Como muitos dos zines circulando no Sul Fluminense, o Ainda Não Zine II foi exposto e colocado à venda-troca em uma mesa, chamada de “banquinha Cabeça Tédio”. Uma banca de zines bem colorida que exibia poster-arte, colagens em formato A4, mini-zines, fanzines, marcadores de página entre outros materiais de papelaria feminista. Foi através da troca de alguns zines que conseguimos adquirir o “Ainda Não Zine II”. Para melhor imaginarmos esse local onde os zines são expostos nos eventos e feiras, segue um trecho de nosso diário de campo:

Por sobre a grama com duas mesas de tamanho médio foi montada a exposição dos materiais da Cabeça Tédio e da Maracujá Roxa, duas coletivas de zines e papéis. A banquinha da Cabeça Tédio estava sobre um tecido floral azul e vermelho. Com um varal feito de cordão, pequenos triângulos com as letras Cabeça Tédio, foram pendurados na frente das mesas. Tantas cores sobressaltavam meus olhos. Papéis de todos os tamanhos, A4, A5, A6 folhas pulsantes, com frases de apoio e força feminista. Palavras como “grrrl”, “feminismo”, “siririca”, “corpo” e “riot” aparecem constantemente. Nos papéis há corações, detalhes em tecido (floridos e veludo), glitter, lantejoulas, canetas coloridas, recortes e colas sem se incomodar com a perfeição. Percebo o faça você mesma em todos os zines. Curioso o efeito do xerox em papéis coloridos. (8 de agosto, 2015. Nas luzes do pôr do sol em Volta Redonda-RJ - #1 Bazar de Garagem, evento organizado pelo Coletivo TIAMÄT para punks feministas).

Com relação aos materiais previamente elaborados por Carla Duarte (do Cabeça Tédio) temos o fanzine intitulado Histérica. Este fanzine foi elaborado pela zineira e duas amigas, Íris Nery e Julie Oliva, que mesmo distantes geograficamente, produziram a primeira edição do zine em janeiro de 2009 (depois em 2011 e 2013). O nome do fanzine veio de um deboche à palavra histeria, doença atribuída às mulheres no século XIX.

A diferença da Histérica para os zines anteriores é ser pensado e executado politicamente para registrar o punk feminista com o qual nos conectamos. Foi o zine que mais gostei de fazer e que mais olho com amor. Foi uma experiência que mudou a forma que eu

encaro os zines como um todo. O processo, de ler e pesquisar, alargou e modificou a minha visão sobre o papel dos zines no movimento riot grrrl como um todo. É uma forma de nos apropriarmos do termo sexista “Histórica” e dar nosso próprio significado a ele, que é: confrontar o machismo, ser você mesma independente dos arranjos sociais. O objetivo do nosso zine era ser um zine grosso, substancial e que falasse exclusivamente sobre riot grrrl, feminismo e assuntos afins. Todas as edições foram feitas por mim, Julie Oliva e Íris Nery, sempre com contribuição de mulheres. Seja na arte, ou como tema de nossos assuntos. Nós sentíamos falta de algo que representasse ou falasse do feminismo a partir de uma perspectiva punk e contracultural (Carla Duarte, entrevista).

Nesta oportunidade vamos nos deter apenas na descrição do zine mais atual de Carla Duarte. Seguimos com a Figura 10 para observarmos de perto o zine ANII. Em sua contra-capa exhibe um acabamento em tecido, uma superfície que convida a tocar, a sentir e observar mais de perto. Na capa (Figura 10), como não há nada escrito, uma curiosidade se avoluma, uma força de curiosa água do mar nos leva às primeiras páginas. Ainda sobre a capa, a fotografia que vemos é de uma das felinas que vivem com Carla Duarte, ela mesma tirou a foto, estampando já na capa de seu zine uma das marcas de seu cotidiano¹⁰. O recorte em círculo também foi feito por ela, a mão, um a um, como nos contou. Um sofrimento delicioso, como ela mesma brinca “porque eu decidi fazer isso?! Não tinha algo mais demorado?”. Há um aspecto curioso aqui: o de tomar tempo, o de se demorar nos detalhes, o de abandonar o que é simples para mergulhar, em si. Um si que não é individual, mas coletivo, é um mergulho para fora, para o contato com texturas, cores, formas que não têm um lugar interior, mas precisam ainda ser inventadas pela manipulação plástica e combinação dos materiais que se têm em mãos.

¹⁰ Esse fato foi percebido em uma das entrevistas com o gravador ainda desligado.

FIGURA 10
“capa e contra capa” respectivamente. Carla Duarte (2015)



Fonte: Arquivo pessoal Ainda Não Zine II, (2015).

Assim que o zine chega a nossas mãos ele escorrega por entre os dedos, podendo sentir o “tecido rasgadinho” da contra-capa, como evidenciado na Figura 2. Antes de abrir e folhear as palavras internas do zine, a pista que encontramos na imagem da capa e na contra-capa é o contraste. Uma possível transformação por meio de contrastes? Pois ao mesmo tempo que exhibe tranquilas cores e tons neutros abriga uma escrita cravada no papel, com textos de forte expressão. Esse *contraste*¹¹ evidencia-se quando adentrando-se no textos internos é possível encontrar as ideias da agenda política feminista, reflexões filosóficas, testemunho de violências cotidianas fundidas com imagem de gatinhos, florzinhas e aspectos marcados como femininos. À esse aspecto Johanna Fateman (2013) aponta como os marcadores femininos estiveram sob suspeita dentro do movimento *riot grrrl*, e consequentemente em seus zines. Assim é possível

¹¹ Interessante perceber que essa característica do contraste, está permeado por grande parte da cultura *riot grrrl*. Cores suaves, tons claros, letras delicadas, enquanto o conteúdo da escrita, das palavras e dos temas são como gritos de revolta. Acredito que essa característica venha também ao encontro da noção de não se deixar contaminar pela misoginia, ou até mesmo ligada à expressão *riot grrrl*, que em tradução livre seria “revolta das garotas”. Entretanto, acreditamos ser esse “*grrrl*” muito menos um “*girl*” e muito mais um grunhido de urso, loba, pantera; preferimos ver no *riot grrrl* a onomatopeia “*grrrr*”. Além disso, pensando ainda nos contrastes, alguns aspectos dessa cultura atualmente é exercício de “super expor” o feminino (seguindo a tendência do movimento na década de 1990) para brincar com seus aspectos ficcionais, lacinhos, corações, tons de rosa e roxo, mesclando isso a frases fortes, gritos e reflexão política. Observa-se ainda o envolvimento, porém tímido, de pessoas-trans na organização de eventos propostos e elaborados apenas por e entre garotas.

pensar como esses contrastes tornaram-se estratégias para uma crítica cultural vigente. Segue a autora:

Riot grrrl, in a conscious response to second-wave feminists' rejection of the word 'girl', reclaimed it with pride and also parody. Songs, performances, and fashion statements mocked the depictions of feminine innocence and compliance served to us in the face of discrimination, exploitation, and endemic sexual abuse. And in a new tradition of self-publishing, girls used toopy cursive, hearts, stars, photo-booth portraits, and kitsch images (of housewives, superheroes, schoolgirls, and cheerleaders) to set off type or handwritten communiqués, cultural criticism, fiction and philosophy (Fateman, 2013: 13).

Seguindo por suas folhas, na página 2 (Figura 11), uma colagem se sobrepõe à frase: “o que fazer para que as pessoas que te fazem dizer o indizível desapareçam?” e na página 3 (Figura 11), a seguinte: “continue causando repulsa”. Na página 2 do zine a colagem que a zineira usa para compor as palavras no mesmo espaço mostram duas estátuas, barbudas, de cimento ou gesso, imóveis, apenas a observar caladas. Enquanto logo abaixo escreve a respeito do indizível e do desaparecer. Um desaparecer de si para construir-se novamente com o mundo ao seu redor. Na frase, a zineira se pergunta o que fazer em uma situação, que provavelmente tenha passado, tentando buscar nas folhas dos zines, nos recortes, nas palavras-colagens e na experiência da escrita as respostas que precisa; ou busca justamente o contrário, fugir da confissão e de seu cotidiano.

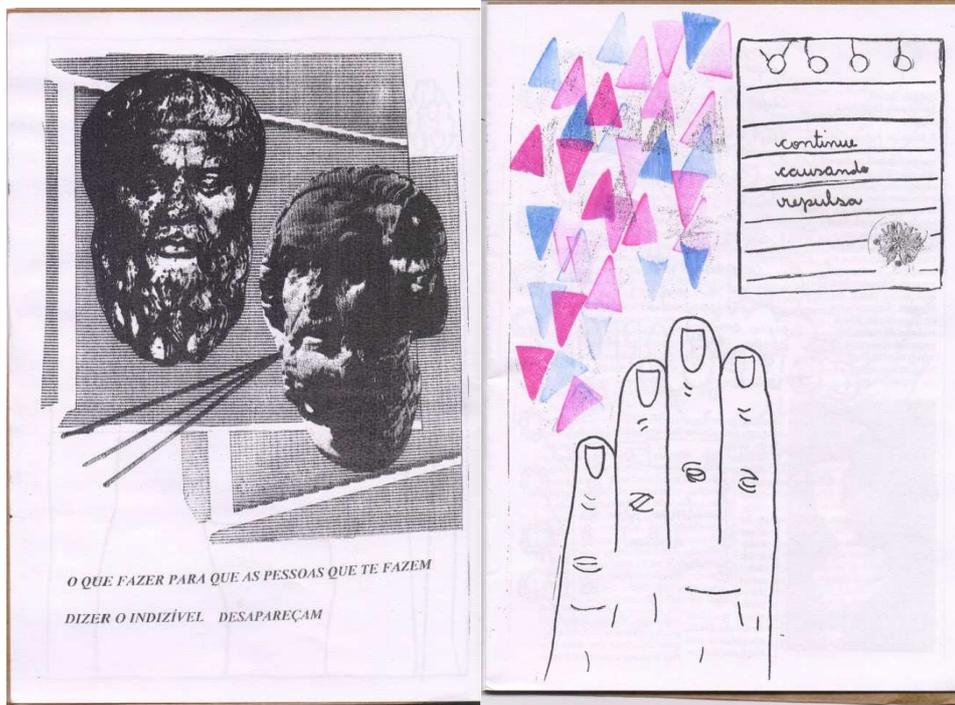
Refletindo com a página posterior, onde é possível ver na Figura 11, uma página-diário. Há no canto superior direito o desenho de uma folha “bloco de anotações” onde segue uma lista de palavras. “Continue/ causando/ repulsa”. Interessante Carla Duarte ter listado uma a uma, ao em vez de tê-la deslizado em frases. Aqui há uma sensação de lista memorização, lista mantra, palavras para afastar experiência que a atravessou de alguma forma dolorida. Lendo sucessivamente uma após a outra, o som de um mantra aparece. Dizendo a si mesma, repetidas vezes que vai continuar causando repulsa, independente do que aconteça, do que lhe digam, do que lhe façam, do que ouça nas ruas, dos assédios disfarçados de elogios¹². Repulsa, causando, continue. Continuar, seguir, re-existir não importa o que lhe barre em busca de uma *experiência* do impossível, para além de seu cotidiano.

Na mesma página, o desenho de uma mão, logo no canto inferior esquerdo convida a colocar a nossa própria mão naquele desenho, há um gesto de reconhecimento, há uma

¹² Mencionamos aqui uma colagem de Carla Duarte que circula livremente pelas redes e pelas paredes, pois também tem sido utilizada como lambe-lambe. Ela diz exatamente: “assédio sexual não é elogio” e pode ser visualizada aqui: <http://assedionao.tumblr.com/>

aproximação com o papel, uma aproximação com a experiência ali descrita. Seria possível com essa proximidade - entre o zine e a mão de quem o lê - lembrar-nos dos momentos que foi preciso nos repetir para continuar, resistir e seguir adiante?

FIGURA 11
páginas 02 e 03, respectivamente. Carla Duarte (2015)



Fonte: Ainda Não Zine II, (2015).

3. Pistas Conclusivas

Por correio chegam cartas e zines de escrita “apertando o lápis”, marcando as páginas de baixo, com força da escrita ciborgue, (Haraway, 2009) clamando por uma transformação de si. Com as aproximações iniciais entre o pensamento de Michel Foucault e a cultura zineira, percebe-se a feitura de zines como um processo de subjetivação. Isso porque acreditamos haver uma aproximação entre a feitura dos cadernos de anotação greco-romanos com a reunião textual e recortes dos zines. Haveria entre essas duas atividades um certo momento para reunir o que se lê e ouve, um certo contato e exercício consigo mesma. E nessas atividades, a vontade não é a de compor uma narrativa confessional, mas ao contrário, desenhar a partir do mundo a construção bricolada de si.

Seria talvez a partir da estratégia do contraste? Quando os zines evidenciam os aspectos tidos como femininos, para logo após digitar como mantras fortes frases estariam de alguma maneira criando um vocabulário próprio? Quando zineiras criam seus zines com a colagem das páginas, com o recortar das frases, poderiam estar desmanchando o tom confessional, para configurar transformações de si? Estas são

algumas das questões que nos perguntamos ao longo deste texto. Além disso, fica como questionamento para futuras pesquisas zinísticas. Por fim podemos ensaiar que os zines feministas contemporâneos podem ser mais do que que fotocópias preto e branco, algo de tátil se configura e se materializa em forma de papel ou não: Seja por meio de um toque em tecido floral ou de veludo, ou pela proximidade das experiências de violências cotidianas, de saudade, de nostalgia, ou mesmo de aspirações futuras, angústias ou sonhos. As experiências em zines também se mostram doloridas e marcadas, seja na pele ou papel.

Referências

- Alzadúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, 8(1), 229-236.
- Benjamin, W. (1985). Experiência e pobreza. In *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Brownstein, C. (2015). *Hunger makes me a modern girl: a memoir*. New York: Penguin Random House.
- Camargo, A. M. (2011). *Lugares, pessoas e palavras: o estilo das minas do rock na cidade de São Paulo*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.
- Carmo, N. Í. (2013). "Viva o feminismo vegano!": *Gastropolíticas e convenções de gênero, sexualidade e espécie entre feministas jovens*. Salvador: Universidade Federal da Bahia – UFBA. Dissertação de Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.
- Compagnon, A. (1996). *Tesoura e Cola*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Downing, J. (2004). *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC.
- Fateman, J. (2013). My riot grrrl. In Lisa, D. (org.), *The riot grrrl collection* (pp. 13-17). New York: The Feminist Press.
- Foucault, M. (2006). A escrita de si. In da Motta, Manuel Barros (Org.), *Ética, sexualidade e política - Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006.
- Foucault, M. (2011). *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros*. Volume II. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Gelain, C. G. (2013). *Consumo de mídia e subcultura zineira*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Habilitação em Jornalismo (UFSM).
- Guerra, P.; Gelain, G.; Moreira, T. (2017). Collants, correntes e batons: gênero e diferença na cultura punk em Portugal e no Brasil. *Lectora: revista de dones i textualitat*, N.º 23, 13-34.
- Guerra, P.; Quintela, P. (2016). Culturas de resistência e mídia alternativos. Os fanzines punk portugueses. *Sociologia, Problemas e Práticas*, N.º 80, 69-94.
- Guerra, P.; Quintela, P. (2014). Spreading the message! Fanzines and the punk scene in Portugal. *Punk & Post Punk*, Vol. 3, n.º 3, 203-224.

Guerra, P.; Quintela, P. (2014). *God Save the Portuguese Fanzines*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras.

Haraway, D. (2009). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In Silva, Tomaz Tadeu da (Org.), *Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.

Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.

Lourenço, D. (2006). *Fanzine: procedimentos construtivos em mídia táctica impressa*. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Pós-graduação em Comunicação (PUC-SP).

Magalhães, H. (2003). *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia/Ed. Universitária UFPB.

Magalhães, H. (2003). A mutação radical dos fanzines. In INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (org.), *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, n. 26 ano 2003*. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.

Magnani, C. G. J. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de ciências sociais*, 17(49), 11-29.

Péllbart, P. P. (2013). Foucault versus Agamben?. *Revista Eopolítica*, (5), 50-64.

Péllbart, P. P. Do livro como experiência à vida como experimentação. *Revista CULT*, (191), 10-12.

Quintela, P.; Guerra, P. (2017). Ciências sociais, arquivos e memórias: considerações a propósito das culturas musicais urbanas contemporâneas. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXIII, 155 – 181.

Quintela, P.; Guerra, P. (2016). Punk fanzines in Portugal (1978-2013): a mapping exercise. In Guerra, P.; Moreira, T. (eds.), *Keep it Simple Make it Fast! An approach to underground music scenes (vol. 2)*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

Rago, M. (2015). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

Wreck, A. (2014). *Stolen sharpie revolution: a DIY resource for zine culture*. Oakland: Lunchroom Publishing.

Wolton, D. (2011). *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Sulina.

Fanzines

Ainda Não Zine, n° 2. Carla Duarte. Barra Mansa-RJ: segundo semestre de 2015.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto
Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the
Institute of Sociology of the University of Porto
R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx
ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 65

Título/Title

“Zines do Oceano Atlântico: subjetivação e experiência em auto-publicações do Rio de Janeiro-Brazil”

Autoras/Authors

Camila Olivia-Melo

Gabriela Cleveston Gelain

As autoras, titulares dos direitos desta obra, publicam-a nos termos da licença Creative Commons “Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal (cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).